



PELOS OLHOS DE LENISE

Conheça a mulher que registra a cena teatral brasileira há mais de três décadas

PERFIL

HELDER FERREIRA

Antes de Fernanda Montenegro, era de Henriette Morineau o título de “grande dama do teatro brasileiro”. Certo dia do ano de 1981, após uma apresentação da peça *Ensina-me a viver*, no Teatro Sesc Anchieta, em São Paulo, a atriz septuagenária foi observada no camarim por uma jovem de vinte e um anos enquanto retirava a maquiagem que a caracterizava como Maude, protagonista da trama. Morineau talvez tenha morrido sem saber, mas, naquele momento, com um gesto corriqueiro, acabou ajudando Lenise Pinheiro na escolha do que faria pelas próximas três décadas: fotografar teatro.

À época dividida entre as duas graduações que cursava – Arquitetura e Comunicação Social – e que acabou abandonando posteriormente, ela, que havia decidido ainda criança que seria fotógrafa, já era uma aficionada por teatro. Uma paixão levou a outra. “A maquiagem foi o que primeiro chamou minha atenção. Meu olhar já era voltado, então, para a imagem, a textura, a geometria, o ritmo... Fui capturada pelo manancial de possibilidades que o teatro oferecia”, conta. Por isso, quando levada por um amigo ao *backstage* da peça de Domingos de Oliveira, percebeu arte onde outros viam banalidade. “Vi aquilo e pensei: ‘gente, isso dá um ensaio’. A partir daí, comecei a tramar, a mexer meus pauzinhos.”

Lenise fotografou a peça de formatura de um amigo que estudava na Escola de Arte Dramática da Universidade de São Paulo. Mostrou, então, os cliques ao diretor do espetáculo, Odavlas Petti, que lhe disse que não havia nenhuma foto ruim entre o material e a aconselhou a prosseguir com o trabalho, já que não existiam muitos fotógrafos dedicados ao meio teatral. Teve início, então, a empreitada de se inserir no circuito: a “militância pelos camarins”, como ela define. “Não existia a facilidade da internet, então, numa espécie de ‘plínio-marquesismo’, ia de teatro em teatro mostrar meu material”, relembra, em referência a Plínio Marcos, escritor e dramaturgo que também vendia seu trabalho nas portas das casas de espetáculos.

Foi também na EAD, no início dos anos 1980, que ela teve o primeiro contato com aquele com quem teria uma de suas parcerias profissionais mais duradouras: José Celso Martinez Corrêa, o Zé Celso, líder do Teatro Oficina – um dos mais importantes grupos do teatro brasileiro. Ele ministrava um *workshop* do qual a fotógrafa participava como ouvinte. Mais de uma década depois, em 1991, voltaram a se encontrar na montagem de *As boas*, peça que marcou o retorno do grupo, com Raul Cortez, Marcelo Drummond e o próprio Zé Celso no elenco. ➡



Zé Celso e Elaine Cesar, "artista/videasta/estrela", em *Os sertões: o homem 1*, 2003

Durante a montagem do texto de Jean Genet, ela conheceu o jornalista e crítico de teatro Nelson de Sá, com quem há sete anos divide a autoria do blog *Cacilda!*, no site do jornal Folha de S. Paulo. A história do encontro é singular. Na época, ele era assistente de Zé Celso. Lenise e a atriz Bete Coelho estavam na plateia do teatro do Centro Cultural São Paulo acompanhando o ensaio da peça, quando, de repente, Raul Cortez caiu em prantos no palco. "Ele não aguentou a pressão de ter uma colega assistindo ao espetáculo", recorda Nelson.

A partir daí, especialmente após a reinauguração da sede do Oficina em São Paulo, a trajetória de Lenise começa a se confundir com a do grupo. Ela passa a acompanhar e fotografar todos os seus espetáculos. O resultado desta odisseia fotográfica de quase vinte e cinco anos está reunido no livro *Teatro Oficina* (Imprensa Oficial, 2014), um compilado de aproximadamente quinhentos instantâneos que recontam a história da trupe e, consequentemente, da própria autora.

A passagem do tempo é pontuada nas páginas do livro pela evolução tecnológica: começam com os registros analógicos em preto e branco de *As boas* (1992), ganham cor a

partir das páginas dedicadas a *Para dar um fim no juízo de Deus* (1996) e transitam para o digital a partir de 2006, na última foto de *Os sertões*. No entanto, a mudança parece não ter afetado muito o modo de Lenise fotografar: ela continua escolhendo bem seus cliques, como se ainda trabalhasse com dois filmes de trinta e seis poses em vez de cartões de memória. "Tenho aflição do barulho que a máquina digital faz ao dar vários cliques seguidos. Acho que com 72 cliques dá para fazer muita coisa. Tenho conseguido assim e pretendo me manter desta maneira".

Além do livro, os anos de convivência também resultaram numa forte amizade com Zé Celso: "Foi uma junção de ideologia, gosto, método, pele... Uma conquista muito abrangente. Eu tenho relações com diversos diretores, mas com o Zé ficou uma parceria além do trabalho, que não é possível com todo mundo", ela explica. Por sua vez, o diretor também relata uma profunda admiração por Lenise: "Admiro o profissionalismo dela, sua dedicação. Ela tem uma tendência religiosa muito grande que foi transferida toda para sua arte. Admiro-a porque também me dedico desse modo. Nós somos assim: gêmeos".

A “tendência religiosa” advém de sua formação: de família católica, ela estudou até os quinze anos de idade no Maria Imaculada, um tradicional colégio de freiras paulistano. Teve de terminar os estudos no Colégio Bandeirantes porque foi expulsa da instituição. O motivo: uma polêmica peça de teatro de sua autoria e direção, que foi encenada no fim do ano letivo para os pais de todos os alunos. Intitulado *O rapto das galinhas*, o espetáculo não tinha lá um enredo muito sofisticado; era mais uma camuflagem para as críticas mordazes que ela fazia às irmãs, parodiando as agruras que viveu na escola. “Pedi para as colegas virem de roupa branca por baixo, apliquei uma frente de cartolina azul, que era a cor do hábito das freiras do colégio. No palco, despejei todas as humilhações pelas quais havia passado por causa do atraso de mensalidades. Eu era sempre chamada na classe de ‘tesouraria’ pelas crianças, e as freiras tratavam muito mal meus pais.”

Da experiência traumática, restou a Lenise um *expertise* em interpretar freiras – papel que ela reprisou em peças do Oficina, comerciais de televisão e no filme *O corpo*, do cineasta José Antonio Garcia. À primeira vista, pensa-se poder intuir o motivo que a leva a representar tão bem uma religiosa: seu tom de voz é sereno; seu léxico, livre de palavões; os cabelos, alvos. A primeira impressão, no entanto, se esvai, tão logo ela gesticula, solta uma gargalhada ou saca o teatral leque vermelho que usa para se abanar vez e outra.

Esse jeito de ser, meio tranquilo, meio ruidoso, talvez explique o porquê de todos ficarem tão confortáveis na mira de sua lente. Zé Celso

diz que ela se integra facilmente ao espetáculo enquanto fotografa. Nelson de Sá confirma a tese: “A Lenise é a melhor fotógrafa que o teatro brasileiro já teve – inclusive, se você comparar as fotos dela com as do Fredi Kleemann [famoso fotógrafo teatral, falecido em 1974] que eram muito posadas, percebe um salto gigantesco. Ela retrata de uma maneira tão natural que parece que você está lá. Nas fotos dela, o teatro continua vivo”.

Ele também aponta a facilidade com a qual ela consegue deixar as pessoas à vontade. Essa última característica fica evidente a quem a acompanha numa sessão de fotos, como a que fez no Teatro Augusta, em São Paulo, com o elenco de *Josefina canta* – peça dirigida por Elzemann Neves. Além do entrosamento com os atores, conquistado ao longo de mais de três décadas fotografando a cena teatral paulistana, Lenise também os dirige, pede expressões, poses, controla a intensidade da luz. Ainda assim, fica sempre atenta ao diretor. “Eu peço: ‘fique perto de mim para ver se isso é sua peça mesmo’. Sempre digo que os atores são os magos da minha profissão, mas o pé no chão vem da direção.”

São inúmeros os diretores com quem já trabalhou, entre eles estão Pina Bausch, Daniela Thomas, Fauzi Arap, Aderbal Freire Filho e Gerald Thomas – este último ela acompanha desde 1988. Todos têm registros entre as 456 páginas de seu primeiro livro, *Fotografia de palco* (Editora Senac, 2008), que reúne o compilado dos seus primeiros vinte e cinco anos de carreira e será relançado pela Edições Sesc ainda este ano.

Lenise também pretende disponibilizar seu acervo para consulta na internet. Desde o fim do ano passado, conseguiu reunir oitenta e sete mil fotogramas analógicos, com o auxílio da produtora Iris Cavalcante, sua esposa e parceira de trabalho. “Somos casadas há dezoito anos, numa união estável, sacramentada pela lealdade. Dos quase trinta e três anos em que trabalhei em teatro, por quinze o fiz sozinha e há quase dezoito com ela. Se eu tiver que escolher uma das duas metades, escolho a segunda”. ■



Leona Cavalli, que segundo Lenise, entrou de cabeça no Teatro Oficina, deixando sua marca por todo lugar que passou – *Cacilda!*, 1999